

Abertos oficialmente os cursos da UFV ao som do Hino Nacional

Segunda-feira passada, às 8h, defronte o edifício Arthur da Silva Bernardes, houve a solenidade de abertura oficial dos cursos da Universidade Federal de Viçosa (UFV), com hasteamento de bandeiras ao som do Hino Nacional, tendo o chefe do gabinete do reitor, bacharel Antônio de Oliveira Baumgratz, hasteado a bandeira do Brasil, o professor João da Cruz Filho, diretor do Serviço de Registro Escolar, hasteado a bandeira de Minas Gerais; e o acadêmico Francisco de Assis Garcia, representando o Diretório Central dos Estudantes, hasteado a bandeira da UFV.

Na oportunidade, o secretário-geral da Universidade, bacharel Tarcísio Gomide, dirigiu a seguinte mensagem aos presentes:

«Meus Senhores: Esta não é uma cerimônia que traduza um símbolo; é, antes, um símbolo que se celebra com uma cerimônia, porque o símbolo que se celebra é a marca de mais uma etapa na construção de um futuro. E de um futuro para os estudantes, para a Universidade e para a Pátria. Para os estudantes é um futuro de esperanças, para a Universidade é um futuro de afirmação e para a Pátria é um futuro de glórias.

É um futuro de esperanças porque nele o estudante vai realizar o seu ideal sonhado, repa-

rando os insucessos, sedimentando os ensinamentos recebidos, aprimorando sua experiência, retemperando o caráter, lapidando a inteligência, formando um cabedal de ciência e técnica que o haverá de tornar um profissional competente e um cidadão honrado. E esse futuro é de esperanças porque é feito só de amanhã, ainda sem passado, na feliz realidade do presente.

Para a Universidade é um futuro de afirmação, porque nele ela irá cumprir mais uma etapa do seu dever sagrado, no preparo da mocidade brasileira. Seu sacerdócio é a educação superior, e o cumprimento desse ministério, a sua vocação histórica e a honra da sua existência.

Para a Pátria é um futuro de glórias, onde o analfabetismo será apenas uma amarga lembrança, e a educação de todos uma feliz realidade.

Esta cerimônia, por isso, traz um compromisso público de cada um de nós com o futuro, e esse compromisso é solene porque é de honra e de fé. Senhores estudantes: A Universidade Federal de Viçosa os acolhe feliz e convicta de que sois a promessa mais risonha de uma Pátria feliz que, na ordem do presente, prepara um amanhã de progresso e paz!

Sede bem-vindos para mais uma etapa na batalha do saber».



UFV

INFORMA

EDITADO PELA IMPRENSA UNIVERSITÁRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
VIÇOSA - MINAS GERAIS - BRASIL

Ano 8

Quinta-feira, 5 de agosto de 1976

N.º 438

UFV participa da Exposição do Vale do Piranga em Ponte Nova

A Universidade Federal de Viçosa (UFV) vai instalar, em Ponte Nova, o seu «stand» com equipamento audiovisual, por ocasião da XX Exposição Agropecuária, Comercial e Industrial do Vale do Piranga, que será realizada de 5 a 12 de setembro, naquela cidade, numa promoção do Sindicato Rural e Prefeitura Municipal de Ponte Nova.

Além do equipamento audiovisual, que mostra o funcionamento acadêmico da Universidade Federal de Viçosa, o «stand» desta Instituição levará ao Parque de Exposições de Ponte Nova informações gerais sobre os cursos, inscrições, vagas, vestibulares etc. Livros, apostilas, periódicos e outras publicações científicas e técnicas, das áreas acadêmicas da UFV também acompanharão o «stand».

Para convidar a UFV para participar da mostra, estiveram terça-feira última com o vice-reitor Paulo Mário Del Giudice o prefeito de Ponte Nova, sr. Miguel Valentim Lanna, e os srs. Antônio Isaac (coordenador da Exposição) e José Inácio Fonseca, os quais falaram da importância do acontecimento para a

região.

A XX Exposição Agropecuária, Comercial e Industrial do Vale do Piranga será aberta dia 5 de setembro pelo ministro Aylson Paulinelli, da Agricultura, em solenidades que terão a presença do governador Aurélio Chaves e outras autoridades federais, estaduais e municipais, além de grande número de convidados.

Na abertura da mostra — que conta com a colaboração do Ministério da Agricultura, Secretaria da Agricultura, Emater/MG, Incra, Gerfamig e Copareal — serão entregues os prêmios do I Concurso de Produtividade Agrícola de Cana-de-Açúcar da Zona da Mata, promoção da Coplacan, Emater/MG, Planalsucar, Grupo Jatiboca, Usina Paraíso (de Astolfo Dutra) e Usina de São João (de Visconde do Rio Branco). São os seguintes os vencedores deste concurso: José Maria Martins Soares, de Ponte Nova, com 191,11 toneladas por hectare; João de Souza Brandão, de Santo Antônio do Gramma, com 160,38 toneladas por hectare; e José Pinto Alvarenga, de Rio Casca, com 147,66 toneladas por hectare.



A cerimônia de hasteamento das Bandeiras.

Adiada a Aula Inaugural

A Reitoria da Universidade Federal de Viçosa (UFV) comunica aos estudantes, professores e funcionários que a Aula Inaugural dos cursos do segundo período letivo de 1976, que seria proferida amanhã pelo senador Arthur Bernardes Filho, por motivo de força maior, fica adiada para data a ser marcada nos próximos dias.



O prefeito Miguel Valentim Lanna, de Ponte Nova, manteve contato com o vice-reitor da UFV, professor Paulo Mário del Giudice.

Orador dos formandos de julho da UFV transmi

O engenheiro-agrônomo Gerbi Luiz de Lucas, orador da turma de formandos de julho de 1976, da Universidade Federal de Viçosa, pronunciou o seguinte discurso na solenidade de formatura:

Após sentirmos, durante nossa jornada de estudos, nesta Instituição, que hoje se engalana, a metamorfose de nossos conhecimentos intelecto-profissionais, após sentirmos os árduos embates de nossa vida acadêmica, encontramos-nos, hoje, com um sorriso nos lábios, irmanados em torno de um mesmo ideal: «o futuro de nossa Pátria».

Durante alguns anos, lutamos por nosso ideal. Por vezes enfrentamos os vendavais da desilusão. Por vezes sentimos o nosso sangue escarlate misturar-se à areia quente do picadeiro, ante os olhares de nossos familiares, que esperavam a nossa reação. Nutríamos, porém, um mar de esperanças, confiávamos em não sermos derrotados. Para isto, convocamos o exército da responsabilidade, preparamos o nosso pensamento com as normas do dever, reunimos as nossas forças, superpusemo-nos às nossas dificuldades e sacudimos o pó das vestes. Hoje, exultantes, exibimos aos nossos amigos e familiares o nosso manto de glórias, símbolo do dever cumprido e da nossa disposição em lutar pelo desenvolvimento e qualidade da agropecuária nacional. Hoje senhores componentes da mesa, hoje, ilustre paraninfo Senador Arthur Bernardes, hoje, dileto público, reunimo-nos, nesta cerimônia, irmanados em um só ideal, o ideal que levou o presidente Arthur Bernardes a implantar em solo viçosense esta Instituição, alicerçado na luta contra a fome crônica e a subnutrição que assolam não só regiões brasileiras como regiões de todo o mundo. A um cirurgião compete sobrepor-se à morte, e o ilustre Presidente Arthur Bernardes, ao criar esta Universidade cinquentenária, previa que a nós, Engenheiros Agrônomos, a nós Engenheiros Florestais, Agroquímicos, Biólogos, Economistas Domésticos e Agro-Matemáticos, compete preservar a vida.

Assim, senhores, nestes profissionais criados pelo idealismo de Bernardes e burilados pela alta técnica de nossos mestres, encontramos os elementos da perseverança e do conhecimento científico indispensáveis à elevação da agropecuária nacional, como elemento gerador de divisas. Afirma-se e tenta-se provar que só usamos um décimo de nosso cérebro.

É impressionante comparar, no nosso Brasil, a parte do solo utilizada racionalmente, e aquela em termos primitivos.

Quanto a Zoologia, a Fisiologia animal e vegetal, quanto a luz e ao ar, ainda estamos praticamente na pré-história de seu conhecimento e de seu domínio. Ainda nos achamos no prelúdio do contato com tecnologias mais avançadas. A agropecuária nacional ainda tem o caráter dualístico, econômica e socialmente, se compararmos o setor razoavelmente moderno da região centro-sul com o primitivismo ainda vigente no interior nordestino e em outras áreas interioranas, onde a ca-

pacidade tecnológica e empresarial ainda não puderam contribuir para o desenvolvimento. Não estamos aqui para registrar um momento transitório de ufanismo, mas para salientar a responsabilidade que nos toca. É chegada a hora de mostrarmos ao mundo - que o Brasil pode ser um grande supridor mundial de alimentos e matérias-primas agrícolas -, atingindo a auto-suficiência real com o concurso de estruturas de produção competitivas e de razoável eficiência. Embora a agropecuária nacional tenha se mostrado mais dinâmica nos últimos anos, se for analisada dentro do contexto internacional, podemos observar que permanecemos com baixos índices de produção e produtividade por cuja elevação compete a nós lutar. Os 30 milhões de toneladas de cereais (milho, arroz, trigo e feijão) e os 10 milhões de toneladas de oleaginosas (algodão, soja, amendoim e mamona) produzidas em 1974 precisam ser ampliadas a curto prazo para atingir a cota das 100 milhões de toneladas anuais para ambas as categorias. Enfatizamos, pois, a nossa responsabilidade, e oferecemos aos nossos familiares e ao nosso povo a nossa disposição e o nosso empenho para a árdua luta, conscientes de que não se trata apenas de quantificar os números, mas também de qualificar o nosso produto. Mais cedo do que se supõe, o problema de suprimento alimentar do mundo talvez possa se constituir em problema mais sério do que o suprimento de combustível de qualquer natureza. Assim, fundamentados em uma tecnologia racional, propomo-nos, com nosso trabalho e com nosso idealismo, superar, estamos certos, as dificuldades conjunturais, nas quais estamos inseridos, principalmente aquelas que envolvem a agricultura e a pecuária nacional. Iniciamos nossas palavras fazendo um retrospecto de nossas atividades agropecuárias, porque devemos conscientizar-vos e a nós próprios da necessidade da interiorização de nossa técnica para a ocupação dos espaços físicos de nosso País, para que a finalidade e os gastos da construção de Brasília não sejam relegados, a fim de que a célebre marcha para o oeste, que hoje se prolonga ao norte e ao nordeste não caia no ostracismo.

É preciso que evitemos o que se passa com a classe médica e outras profissões liberais nos grandes centros, em detrimento das comunidades campesinas. É preciso que nos dotemos de sentimentos de pioneirismo. É preciso que façamos a integração nacional sócio-econômica e politicamente, sem rancores pessoais. É preciso que evitemos fatos ocorridos em fins do século passado quando o tenente José Joaquim Firmino, à frente de uma legião de soldados, chegou a localidade brasileira de Foz do Iguaçu, encontrando na população daquele núcleo fronteiriço uma miscigenação bastante estranha, formada por 212 paraguaios, 95 argentinos, cinco franceses, dois espanhóis, um inglês e apenas 9 brasileiros. É importante que nos confiemos ao nosso povo e que construamos ou, pelo menos, sejamos peça ativa na luta pelo desenvolvimento brasileiro. É fato i-

negável que uma sociedade só pode viver, produzindo. Uma sociedade que não produzisse seria desprovida de todo laço de solidariedade. Senhores formandos: o trabalho não se exerce fora do tempo e do espaço, mas em uma sociedade e por ela. É preciso conhecer a comunidade de que vos propuserdes a servir, compreender-lhe as necessidades, e grau de evolução que apresenta com relação ao trabalho, e burilar o seu desenvolvimento. É importante alertar-vos contra a tentação do egoísmo. De vez em quando o desânimo sopra. Rebenta, forte, a impressão de que não adianta pensar nos outros. Parece que a saída única é desistirdes de idealismos, serdes práticos, cuidar de vós e apenas de vós, sem pensar nos vossos semelhantes. O fundamental, contudo, é firmar-vos na opção de alargar o vosso pensamento. É compreensível e desejável que haja amor prioritário pelo que chamamos «a pequena família», o grupo humano, dentro do qual nos veio a vida. Ao saídes daqui, seja qual for a vossa condição profissional e de vida, pensai em vós e nos vossos. Mas, tornai-vos incapazes de fechar-vos no círculo estreito de vossa família. Adotai e vez, a família humana, ao misturardes o suor de vosso rosto à vitória de alguns Kg'ha a mais, a vitória pela produção de algumas gramas a mais de proteínas no produto animal ou vegetal, que simboliza um passo a mais no engrandecimento de nosso País na luta contra a miséria, a fome e as sopas populares. A vossa função é como a de Cristo, o qual através do fenômeno da multiplicação do pão e do peixe desencadeava a luta contra a fome que, já na antiga história, rondava os lares do mundo, e que hoje cresce em progressão geométrica.

É preciso que apliqueis a vossa técnica a todas as plagas do rincão brasileiro. É preciso que em qualquer plaga onde estiverdes, do Brasil ou do mundo, não vos sintais um estrangeiro, mas sim um técnico do povo. Sede sempre uma consciência profissional e humana. Riscai de vosso dicionário expressões como: inimigo, inimizade, ódio, ressentimento, rancor. Sede compa-

nheiro de vosso semelhante, companheiro abnegado de vosso irmão. Companheiro, etimologicamente, é quem come o mesmo pão, é quem se acha ao mesmo breto, é quem se acha ao mesmo e comungando os mesmos Caminhos em busca de um futuro, pois, caminhar é ir em busca de um fim, uma meta, um desembarque, enfim, um envolvimento nacional.

Nossa segunda alocução de-se ao nosso paraninfo, o ilustre Senador Arthur Bernardes Filho. Senador, é para nós motivo de honra receber-vos nesta solenidade, que se alicerça nos estabelecidos por vosso pai, ao criá-la, e que Peter Roßbergrou ao ensino, a pesquisa e a extensão. Senador Arthur Bernardes, demais autoridades presentes, professores, estudantes e público em geral. Comemora-se no momento o cinquentenário desta Instituição, e nada melhor que com esta nossa homenagem ao Presidente Arthur Bernardes, imortalizar a presença do seu dileto filho, externamos a nossa dedicação, nosso apreço. Seria injusto, Senador, que fugisse a emoção dos vossos aplausos, e nós dominamos a transmissão de um complexo de mais elogios ao vosso pai, ilustre e querido. Nosso profundo respeito, cemos-vos por esta imponente diversidade, de cujo conteúdo parcela importante, mestres, a vós que, durante anos, plasmastes os caracteres pedagógicos que nos, no futuro, não poderíamos de levar uma palavra, um agradecimento, um pouco de calor de nosso coração, que contagiante por mais um alcançada. Estamos tristes em abandonar-vos e a esta cerimônia também se veste de tristeza nos dizer adeus.

É chegado o grande dia, a mais esperada de nós, estudantes o término do curso superior. Depois de muitas lutas, de meses e meses de nossos domínios da ciência e técnica, concretizamos o nosso sonho, com vossa dedicação.



Gerbi Luiz de Lucas, o orador da turma.

Mensagem de otimismo

ção que pulsou, impulsionando
em nossas artérias. A glória
fazemos chegar ao nosso Pa-
Professor José Brandão Fon-
como vosso legítimo represen-
os louros desta jornada. Para
sois como um jardineiro, e
jardineiro que sois, cultivais
as rosas, lançando sobre elas
dia, o líquido precioso que as
rá austeras e belas. Primeiro
o solo e nele lança a se-
do saber, dispensando a to-
mesmos cuidados. Após a
nação, cuidais de dispensar
mesma parcela de afeição. A
atingem diferenças de etnia
qualidade, pouco vos preocupan-
sejam importadas ou nacio-
Com a mesma intenção vede
as estações do ano, e não te-
a rigidez do inverno nem a te-
do verão, pois distribuí a ca-
primeiro os mesmos cuidados e
mesmas atenções.

urge a primavera, e nos mo-
de transição da noite que
para a imensidão de um novo
os jardins cobertos com o
de vosso trabalho. Triste é
que vos vejamos prestes a
separarmos. Não obstante, a
do vosso e do nosso dever
fazem com que tenhamos
torio de que estaremos reuni-
em pensamento, comungando
mesmos ideais, a técnica e a per-
sua a serviço do povo e pelo
Com a vossa dedicação, que-
meistres, burilastes o embrião
vossos profissionais que hoje,
ecinto, se congregam. A vos-
ria e a vossa dedicação não
trombetas do mundo a apre-
e nós, em nossa simplicida-
deixamos aqui um paupérrimo
na pequenez de nossas pa-
«o nosso muito obrigado».
minhas senhoras e meus senho-
tempo em que apresentamos
vossos agradecimentos, não po-
mos deixar de nos dirigirmos
vosses, aqui representados
vosses, aqui representados
líder máximo, o senhor pre-
Antônio Chequer. Durante
anos aqui convivemos, du-
quatro anos estivemos inte-
ao seio familiar desta comu-
amiga e sincera, durante
anos participamos de suas
muitos de nós aqui constitu-
do constituirão famílias, es-
do ainda mais os nossos la-
vicosenses conosco convive-
mentos de alegria e de tris-
na pessoa do senhor prefeito
Chequer, recebemos desta
cidade digno apreço e consi-
ao. Ao partirmos, pois, quere-
dear a cada um daqueles que
nos amam, cognominamos
vós, desde o prefeito ao mais
vicosense, o nosso muito o-
Recebei, senhor Antônio
o nosso amplexo e, com e-
pacto de lutarmos convosco
agradecimento desta cidade
pelos laços que nos prendem,
nos como segunda terra.

meus pais, é chegada a hora
de partilharmos convosco o
da vitória. E nos propomos
cruzar as nossas taças para
na satisfação.
que não há melhor que vós lutou
concretização de nossos ideais,

pois sofrestes conosco os nossos sa-
crifícios, palmilhastes os tortuosos
caminhos que percorremos e, por
diversas vezes, limpastes de nossas
vestes a poeira de nossas quedas.
Nos dissabores das derrotas fatrici-
das, quantas vezes o vosso calor in-
flamava o nosso corpo e nos trazia o
alento e a esperança, impelindo-nos
a um novo esforço! E, a cada quilô-
metro vencido na árdua estrada do
ensino, encontrávamos o vosso re-
gato cristalino, onde nos curvávamos,
ávidos de apoio e compreensão.
A nossa voz treme ao tentar-
mos exaltar-vos pois não existe no
dicionário e em qualquer língua do
mundo um único termo que possa
enaltecer condignamente os vossos
sacrifícios. Desde os primeiros va-
gidos, soubestes, como as aves que
arribam os ninhos, dispensar-nos o
vosso amor. Em princípio, a selva
da vida, logo após, o jardim de in-
fância e a escola pública, com o vos-
so calor e o vosso afago. Entretanto,
minhas senhoras e meus senhores,
os jovens crescem e os pais fene-
cem, e em muitos de nós uma lágrima
cristalina de saudade e olhar
entristece. Quantos de vós, senho-
res pais, lutastes por viver este mo-
mento, e quantos de vós já fostes
para a imensidão dos dias estiola-
dos que regem o passado! Entretanto
deixastes conosco a célula for-
madora e plasmadora de nossos
caracteres e podeis, observar, vói
que tendes a ventura de viver co-
nosco, este momento solene, e vói
cujo espírito brilha no azul celeste,
que vossos filhos, na escalada da vi-
da, venceram barreiras e transpu-
eram montes desfaldando nos pin-
caros da glória os vossos nomes tri-
unfantes. A vós, senhores pais, com
cuja presença, hoje somos honra-
dos o nosso preito de gratidão. A
vós que vos fazeis presentes espiri-
tualmente a nossa lágrima de sau-
dade. Estamos certos e confiantes
de que as luzes de vosso espírito
brilham conosco nesta grande vitó-
ria, e que comungais conosco os
mesmos ideais. A vós que venceis
conosco mais este embate, fazemos
um pedido para que coloquês em
cada beijo o coração daqueles que
representam hoje apenas saudade.

Encerramos nossas palavras,
não sem antes trazer o nosso adeus
a cada um de vós que, como nós to-
ma um novo rumo na estrada da vi-
da. Começamos a compreender a
extensão da corriqueira palavra
«Saudade» que só existe em nosso
dicionário. Dentre em breve encer-
rar-se-á este dia e nós estaremos
palmilhando novos mundos. Quan-
do voltaremos a nos reunir? Será
que voltaremos a nos abraçar? Será
que cruzaremos novamente nossas
taças nos «VENEZAS» deste imen-
so Brasil? Talvez nunca mais! Que-
remos, pois, viver estes derradeiros
momentos. Seremos dentro em bre-
ve, apenas um pequeno ponto que
vai sumindo ao longe, envolto pela
fumaça da recordação. Despedimo-
nos pois, e em nossos olhos pende
uma lágrima de emoção. Augura-
mos felicidades recíprocas. Augura-
mos que nos separemos, mas que
permaneça em nós a extensão de
nossa amizade.

Encerramos o ensaio geral, ago-
ra somos atores na comédia da vi-
da. Adeus amigos».

Funcionários da UFV oferecem ao reitor a Árvore da Amizade



Ao saudar o reitor Antônio Fa-
gundes de Sousa, por ocasião da en-
trega que lhe foi feita, da Árvore da
Amizade, dia 15 de julho passado, o
sr. Antônio de Deus Santos, repre-
sentando os servidores da Universi-
dade Federal de Viçosa (foto), disse o seguinte:

«Na Árvore da Amizade o reco-
nhcimento dos servidores da UFV.
Com estas palavras fica aqui, ao la-
do do prédio da Reitoria, perpetua-
do o nosso agradecimento a este

homem que não mede sacrifícios na
luta em favor dos servidores e da
Universidade.

Somos pessoas humildes, com
muito pouca cultura, mas, sabemos
reconhecer o valor de um homem
que sabe dar demonstração de co-
mo se trabalha. Seguimos o seu e-
xemplo, procurando elevar a nossa
Universidade.

Muito obrigado, Magnífico Rei-
tor, que Deus o guarde e o faça feliz
junto de sua família. Deus lhe pa-
gue».

Centreinar discutirá armazenagem

Uma equipe técnica do Centro
Nacional de Treinamento em Ar-
macenagem (Centreinar), que funci-
ona na Universidade Federal de Vi-
çosa, comparecerá ao II Seminário
Nacional de Armazenagem, a se re-
alizar de 25 a 29 de outubro, em
Brasília.

A equipe do Centreinar, coor-

denada pelo professor Tetuo Hara,
co-Diretor-Presidente da Entidade,
será integrada pelos técnicos Ge-
raldo Rocha Carvalho, Peter John
Martyn, Jacinto Luiz da Silva e Jo-
sé Onício de Souza. Como convida-
do especial irá o professor Bruce A.
MacKenzie, do Departamento de
Engenharia Agrícola da Universi-
dade de Purdue, Estados Unidos.

Estágio de Comunicação Social



Durante o mês de julho, a Im-
prensa Universitária da Universi-
dade Federal de Viçosa contou com
a participação, em seus trabalhos,
de duas estagiárias de Comunica-

ção Social, Maria José de Carvalho
e Ângela Maria Machado (foto), ter-
ceiranistas do Instituto Cultural
Newton de Paiva Ferreira, de Belo
Horizonte.

Os cinquenta anos da Universidade Federal de Viçosa - XVI

Evocando o passado

O professor Antônio Secundo de São José escreveu, no Livro dos Formandos de 1939, o seguinte: «Pediram-me os formandos do corrente ano que eu rabiscasse umas linhas para o seu Livro, onde se contasse um pouco da história estudantina dos primeiros tempos da nossa gloriosa e muito querida ESAV. Tarefa difícil. Embora recordar os bons tempos idos, principalmente quando se recorda a melhor fase da nossa vida — o nosso tempo de estudante — seja sempre agradável ao espírito, as evocações geralmente aparecem esparsas na chapa sensível do nosso consciente, cobertas por uma cortina de névoa, desconectadas, sem continuidade, sob esse halo indefinível que só o tempo e a saudade podem produzir...

A tarefa de colocar no papel essas lembranças de modo a fazer sentido para o leitor, especialmente o leitor que não compartilhou conosco daqueles primeiros dias, é que se me apresenta sobremodo árdua. Todavia, o prazer de reviver um passado saudoso, a honra de contribuir, por pouco que seja, para a consecução da arrojada obra dos formandos atuais — o seu Livro de fim de ano — fizeram-me aceitar a incumbência. Tentarei, pois, recordar nestas linhas, ligeiros fatos da vida de há quase uma dúzia de anos passados.

Quando aqui cheguei, em fevereiro de 1928, a ESAV estava iniciando a sua vida escolar. Os cursos Médio e Elemental já haviam sido iniciados em agosto do ano anterior. O Curso Superior de Agronomia, entretanto, estava começando a funcionar exatamente na ocasião da minha vinda.

Nessa ocasião, os dormitórios ainda não estavam terminados. Moramos, os dois primeiros meses, ainda no porão do prédio principal. As árvores das nossas avenidas estavam ainda pequenas, algumas recém-plantadas, e, entre o dormitório e o prédio principal, alojavam-se os barracões das oficinas, com todo o estridor de sua azáfama quotidiana, não permitindo, mesmo que o quiséssemos e tivéssemos tempo para tal, uma sestaninha depois do almoço...

Era Diretor o Dr. P. H. Rolfs, seu fundador, e Vice-Diretor o Dr. J. C. Bello Lisbôa, que passou, dois anos depois, a Diretor.

O sistema de internato para rapazes era uma coisa nova no País. Outras escolas tinham-no experimentado antes, abandonando-o por insucesso. Desse modo, os dirigentes da Escola se esforçaram por estabelecer um regime capaz de fazer um sucesso do nosso sistema de internato, todo ele, como o é ainda hoje, baseado no princípio da responsabilidade pessoal. Para isso, era necessário que a disciplina fosse rígida, observada de perto. E era-o, sem a menor sombra de dúvida...

Há sempre em nós uma tendência para achar que o «nosso tempo» foi diferente dos tempos

atuais. Que era melhor, que era pior etc. Não sei se por força dessa tendência, mas eu também acho que aqueles tempos eram um tanto diferentes dos atuais, embora no arcabouço, os sentimentos e o espírito fossem os mesmos. Vamos dar alguns exemplos: naquele tempo, a entrada nos dormitórios, à noite, era 7,30 horas. Aos domingos, às 9 horas. Aos sábados, «depois do cinema». Ora, o estudante está sempre pronto a sofismar sobre as leis que o regem, e, desde que a oportunidade se apresente, a interpretá-las da maneira mais conveniente aos seus próprios interesses. Eis porque achávamos que meia noite, uma, duas ou três horas da madrugada era, ainda, «depois do cinema»...

E daí, as famosas serenatas aos sábados, puxadas à sanfona, flauta, saxofone, violões, colheres de sopa, e, uma vez por outra, até vitrolas... Tudo era simples questão de camaradagem com o ronda, nosso fornecedor assíduo de ovos frescos...

O uso do fumo só era permitido em dois lugares: no refeitório (!) e numa das salas do porão do prédio principal, por nós crismada de «Sala da Fumaça». À noite, quando nas salas de estudo, tínhamos que deixar os livros por um quarto de hora e locomover-nos até ao Prédio, para uma fumacinha e um «bonde». No fim de um ano as estatísticas mostraram tão elevado número de transgressões, que a lei foi modificada para menos drástica.

Semana do Fazendeiro

Como é sabido, a Semana do Fazendeiro uma promoção pioneira da Universidade Federal de Viçosa, no campo da extensão agrícola. Desde os seus pri-

meiros dias, esta promoção tem trazido para o «campus» da UFV milhares de agricultores e pecuaristas interessados no aprimoramento de suas produções. Numa reportagem sobre a Semana do Fazendeiro, o jornal Estado de Minas, em sua edição de 23 de julho de 1939 (domingo), cita entre outras coisas: «Impressão dos fazendeiros. Interessava-nos conhecer a repercussão da «Semana dos Fazendeiros» entre os que a ela compareceram. Nos dias do encerramento aproximamo-nos de um grupo onde havia mineiros, cariocas e paulistas. Um dizia: — Agora já sei como tratar os meus animais, organizando um pequeno hospital de isolamento na minha fazenda. E o outro respondia: — Não sabíamos que era tão fácil aprender uma coisa que parece tão complicada. — Eu, agora — declarou um terceiro — pretendo fazer boas operações no meu gado, as mais usuais, bem entendido, porque o professor já nos avisou bem que o veterinário tem o seu lugar e não pode ser dispensado... Pelas ruas, nos hotéis, nos trens, a palestra era sempre em torno dos estudos e a satisfação era geral. Na partida todos prometem voltar. Nos trens ainda se ouve o mesmo eco sobre a grande «Semana». Cada um gaba, ora o Curso de Máquinas, ora o de Zootecnia (Melhoramento do Gado Zebu), ora o de Horta e de Estábulo, de Café etc. Enfim, para dizer a verdade, colhida na própria opinião dos lavradores, todos os cursos foram muito bons e muito úteis, e os professores verdadeiros amigos dos lavradores.

O Diretor, apesar da habitual severidade, recebia cordialmente, como antigo companheiro, a todos que procuravam os tetos hospitaleiros da Escola de Viçosa. E foi assim, também, a recepção ao Estado de Minas».

Campo de aviação

A dificuldade de comunicação com os grandes centros, através das estradas da época, que não contavam, ainda, com o capeamento asfáltico ou outros recursos da moderna engenharia rodoviária; a morosidade dos transportes ferroviários e a importância dos trabalhos educacionais e científicos desenvolvidos pela antiga ESAV, levaram a sua administração a construir na localidade denominada Fundão, um campo de pouso moderno.

No dia da inauguração desse campo de pouso, dentre outros ilustres visitantes, o sr. Raphael Chrisostomo, industrial, da cidade de Campos, Estado do Rio de Janeiro; os senhores William Preston Taulbee, Ignacio Nogueira; e os técnicos John B. Griffing e P. H. Rolfs. Neste dia, faleceu o sr. William Taulbee, figura de projeção da sociedade carioca.

Internato

O Internato da ESAV, construído de 1927 a 1929, foi planejado de maneira a atender às exigências da vida acadêmica da época. Segundo uma publicação da ESAV, de 1939, referindo-se ao Internato «o rapaz interno tem mais facilidade para se dedicar à prática de esportes, pode frequentar constantemente os campos de culturas, assistir às experiências levadas a efeito e dispõe de mais tempo para estudos e observações. Por essa razão os esavianos preferem a vida de Internato, que, desde sua fundação esteve sempre com todas as vantagens preenchidas. Convém que digamos: mercê dos resultados obtidos, tem-se em planos a construção de mais um prédio, ampliando, assim, a capacidade desta organização da ESAV».



Um quarto antigo do alojamento da ESAV.